



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
UAB - UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

**A ARTE RUPESTRE NO CURRÍCULO E NO LIVRO DIDÁTICO DAS ESCOLAS
DE ENSINO FUNDAMENTAL II DE CRUZEIRO DO SUL - ACRE**

MARIA LAÍDES BRAGA MOURA

Cruzeiro do Sul, Acre

2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
UAB - UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

**A ARTE RUPESTRE NO CURRÍCULO E NO LIVRO DIDÁTICO DAS ESCOLAS
DE ENSINO FUNDAMENTAL II DE CRUZEIRO DO SUL - ACRE**

MARIA LAÍDES BRAGA MOURA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciado
em Artes Visuais, em cumprimento às
exigências do Departamento de Artes
Visuais da Universidade de Brasília.

**Orientador: Prof. Clerismar
Aparecido Longo.**

Cruzeiro do Sul, Acre

2018

DEDICATÓRIA

O resultado desse trabalho, fruto de todo meu empenho, estudo, lutas, derrotas e principalmente as vitórias, que foram muitas obtidas nestes quatro anos de luta para chegar até a fase final desse curso, tudo é dedicado especialmente àquele que fez de mim quem hoje sou, uma mulher batalhadora que faz valer seus objetivos, com comprometimento e seriedade.

Ao Senhor Jesus, quem está sempre pronto a me abrigar e orientar diante das situações mais complicadas. A cada momento nesse percurso senti a sua presença e peço sua orientação para continuar conquistando e realizando meus objetivos mais almejados.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus, por me fornecer a sabedoria, paciência e muita força de vontade em realizar esse trabalho.

Agradeço, do fundo do coração, à minha família, pelo incentivo e paciência em me apoiar nos momentos em que não consegui caminhar sozinha, nas gravações, fotografias e tudo mais.

Agradeço a Universidade de Brasília pela organização, comprometimento e seriedade que tem com os cursos realizados.

Principalmente, eu agradeço aos professores que foram peça principal dessa realização, que contribuíram muito com seus conhecimentos para minha formação no decorrer desse curso, pois foram essenciais e excepcionais neste trajeto.

Ao meu orientador, Professor Claudio Vicente da Silva, a quem deixo minha admiração, pois foi essencial para a realização deste trabalho, agradeço a paciência.

E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Romanos 12:2

RESUMO

Propôs-se, neste trabalho de conclusão de curso, reflexões acerca da importância do estudo de conceitos referentes à arte rupestre como elemento para a formação artística dos alunos no Ensino Fundamental II. O objetivo desta pesquisa foi evidenciar a importância do ensino da arte rupestre no Ensino Fundamental II. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, apoiada na técnica de pesquisa bibliográfica, que possibilitou um suporte teórico ao trabalho realizado. Concluiu-se, assim, que instituições escolares e professores precisam avançar e aprimorar atividades e ações para garantir a inclusão dos conteúdos referentes à arte rupestre nos anos finais do Ensino Fundamental II de forma dinâmica e prazerosa no cotidiano das salas de aula, além de garantir a capacitação de professores para o reconhecimento das inúmeras possibilidades de trabalho com desenhos e pinturas da arte rupestre, voltando-se para a formação de alunos competentes e proficientes em Artes.

Palavras-chave: Ensino. Artes Visuais. Arte rupestre.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 CULTURA VISUAL NA ARTE RUPESTRE	13
2 A ARTE RUPESTRE NO ENSINO FUNDAMENTAL II	22
CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

Considerando que em minha trajetória escolar até a graduação em Artes Visuais, sempre tive contato com o componente curricular de Artes, contudo, em nenhum momento até então havia tido a oportunidade de conhecer a história da Arte, ou melhor, ignorava completamente que a Arte possuía uma história, interessei-me, a partir do curso, em compreender o processo de ensino das Artes nas escolas e o porquê de se negligenciar nesse processo a história da Arte.

Assim, ao iniciar a trajetória de conhecimento da Arte, percebi a riqueza de informações e possibilidades que ela traz para vida do ser humano de modo integral, em especial da arte rupestre, como uma forma rica de entender o modo de ser e viver do homem mais primitivo. Por isso, considero que tal recorte da história da Arte, a arte rupestre, não pode deixar de ser transmitido para os alunos, sendo de grande relevância para a valorização do ensino de Artes como um todo, evitando sua diminuição ante as demais disciplinas do currículo escolar do Ensino Fundamental II.

Por esse motivo, esse trabalho tem como tema a arte rupestre e sua importância, de modo que destaca a relevância de sua abordagem no ensino de Artes, na modalidade de Ensino Fundamental, Etapa II. A escolha deste tema se dá em virtude da crescente importância que o papel do ensino de Artes vem ganhando no decurso do desenvolvimento de instrumentos legais que regulamentam a educação brasileira nas últimas décadas.

Compreende-se ser, para o educador, de grande importância conhecer os aspectos relacionados ao ensino dessa disciplina que podem ampliar os conhecimentos dos alunos, numa abordagem transversal, que contribua para a formação humana integral dos mesmos. Nesse sentido, Barbosa (2010, p.10) ressalta que tratar os conteúdos de forma transversal indica “[...] uma forma diferente de abordar o conhecimento, vendo-o como algo dinâmico, possível de transformação e de ser relacionado ao cotidiano”.

No tocante a importância do ensino da arte rupestre, cabe destacar que é direito do aluno apropriar-se do acervo referente à cultura dos povos pré-históricos e do valor artístico, estético e visual que tais produções oferecem. Pereira (2011, p. 33) observa que:

O rico acervo rupestre possibilita apresentar a todos os brasileiros, em especial o público infanto-juvenil, a história dos primeiros povos que habitaram o território que hoje se compreende por Brasil, com estudos em sala de aula, palestras e possíveis feiras culturais nas escolas. A arte rupestre certamente fornece possibilidades enormes de trabalho na educação básica, tanto em datas especiais como ao longo de todo ano. A difusão e a promoção da arte rupestre proporcionarão também sua preservação.

Dessa forma, elencou-se como objetivo geral deste estudo evidenciar a importância do ensino da arte rupestre no Ensino Fundamental II. E como objetivos específicos, identificar o valor da arte rupestre enquanto arte visual, analisar a proposta de ensino deste conteúdo no livro didático e nas Orientações Curriculares de Artes e refletir sobre os impactos do ensino das artes visuais na vida escolar dos alunos.

Com o objetivo de evidenciar a importância do ensino da arte rupestre no Ensino Fundamental II, o presente trabalho é resultado da revisão bibliográfica sobre o tema. Este estudo é de fundamental importância para o aprimoramento da prática pedagógica adotada por muitos professores no Ensino Fundamental II no componente curricular de Artes.

O desenvolvimento do estudo implicou em pesquisa bibliográfica, de modo a situar os principais desafios para um ensino de Artes que evidencie a história da Arte e valorize a arte rupestre como conteúdo essencial na formação artística do aluno em relação a um referencial teórico/conceitual e frente aos materiais (livros e documentos oficiais) a serem analisados.

No decorrer do trabalho acumularam-se dados empíricos, sobretudo qualitativos. No entanto, o estudo não pretendeu realizar uma análise exaustiva dos documentos disponíveis, mas sim, reunir elementos relativos à concepção e operacionalização do ensino de Artes, em especial da arte rupestre, que orientam o ensino de Artes no Ensino Fundamental II.

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir da literatura referente às temáticas em questão. O aporte teórico utilizado compôs-se de documentos do Ministério da Educação, teses e dissertações, obras publicadas de autores renomados na área, periódicos e publicações disponíveis na internet.

O estudo bibliográfico e análise dos conteúdos basearam-se, inicialmente, na leitura e análise dos documentos do Ministério da Educação e Cultura (MEC) que norteiam as diretrizes didáticas e pedagógicas para o Ensino de Artes na Educação

Básica, em especial para a modalidade Ensino Fundamental. São eles: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9394/96, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (DCNEF), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), as Orientações Curriculares Nacionais e as Orientações Curriculares de Artes da Secretaria de Educação do Estado do Acre. Além desse material, foi realizada a análise da coleção Projeto Mosaico – Artes, utilizada em turmas de 6º ao 9º ano no município. A título de complementação foi realizado o estudo de teses, dissertações, artigos científicos e outras publicações.

A pesquisa bibliográfica de cunho explicativo tem por função justificar os objetivos e contribuir para a própria pesquisa: “a pesquisa bibliográfica consiste no exame desse manancial, para levantamento e análise do que já produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica” (RUIZ, 1996, p. 58). Lakatos e Marconi completam, afirmando que a pesquisa bibliográfica,

Trata-se de levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com objetivo de permitir ao cientista poder analisar ou manipular suas informações com outras bibliografias já publicadas (LAKATOS; MARCONI, 2007, p.43).

Conforme a classificação proposta por Gil (2007, p. 44-45), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Sendo assim, tratou-se de coletar e selecionar material bibliográfico referente aos temas centrais de análise na pesquisa: a arte rupestre e seus significados, a questão da arte rupestre no currículo de Artes no Ensino Fundamental II, os impactos da operacionalização do currículo de Artes na vida escolar dos alunos.

Adicionalmente, foram acessados periódicos da área e publicações diversas, tais como revistas e sites, cujos temas eram próximos aos desenvolvidos na pesquisa. Esses documentos não se configuram como bibliografia científica para o desenvolvimento da pesquisa em questão, porém foram importantes para o aprofundamento de certos conceitos e o entendimento de outros no decorrer da pesquisa.

Buscando alcançar o objetivo proposto, optou-se pela pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. De acordo com Minayo,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2009, p. 21).

Esse modelo de pesquisa exige atenção, disciplina, sistematização e aprofundamento por parte do pesquisador. Para desenvolvê-la, realizou-se primeiramente a coleta do material referente ao tema com base em uma leitura rápida e superficial dos títulos disponíveis; a seguir, fez-se um estudo mais aprofundado do material coletado para a seleção daqueles que melhor se adequavam às necessidades do pesquisador. Do material selecionado foram destacados os trechos e informações úteis à escrita das conclusões.

A análise de conteúdos, de acordo com Bardin (2011), procedeu no sentido de promover a organização do material a ser analisado para torná-lo operacional. A sistematização das ideias iniciais deu-se através da leitura flutuante dos textos disponíveis, da escolha dos documentos, da formulação de hipóteses e objetivos e de recortes nos textos. A esta etapa seguiu-se a exploração do material através da descrição analítica e estudo aprofundado do material coletado. O tratamento dos resultados deu-se a partir do destaque das informações para a análise reflexiva e crítica.

O arcabouço teórico foi estruturado em quatro partes. A primeira diz respeito à Introdução, trazendo uma discussão inicial acerca da importância do ensino da história da Arte, em especial da arte rupestre, no contexto escolar e considerações sobre o trabalho realizado. Grosso modo, uma apresentação geral do objeto de estudo da pesquisa, dos objetivos e do percurso metodológico.

A segunda e terceira partes constam da revisão da literatura, abordando as condições históricas e os conceitos relacionados à Arte, mais especificamente à arte rupestre, e como este conteúdo se apresenta no currículo de Artes e no livro didático para o Ensino Fundamental em Cruzeiro do Sul, no Acre.

E, finalmente, nas Conclusões, tentou-se estabelecer as análises e interpretações referentes ao material estudado, ressaltando a importância do estudo da arte rupestre e das artes visuais em geral para alunos do Ensino Fundamental II. Além de apontar para sugestões e questões que podem ser objeto de reflexão

posterior.

Por fim, podemos considerar que este trabalho tornou evidente o propósito do Curso de Artes Visuais, ao promover a produção de conhecimento científico, a vivência de experiências como pesquisador e a ampliação do campo de conhecimento e ação dos docentes, oferecendo aparato teórico para uma atuação mais eficiente.

Assim, espera-se que esse trabalho possa contribuir, de algum modo, com as reflexões dos docentes e futuros docentes de Artes, colaborando para a valorização da Arte como uma aprendizagem capaz de potencializar o desenvolvimento humano e auxiliar no processo de ensino e de aprendizagem das demais disciplinas.

1 CULTURA VISUAL NA ARTE RUPESTRE

A partir do momento em que o homem passou a conviver em sociedade, os grupos humanos sentiram a necessidade de desenvolver mecanismos de expressão. Anterior à criação do sistema de escrita, a arte constituiu-se numa destas formas de expressão e comunicação. Uma das primeiras manifestações artísticas conhecidas foi fruto do esforço do homem primitivo em registrar, através de pinturas e gravuras, suas impressões sobre o mundo e sobre si próprio. A essa forma de expressão deu-se o nome de arte rupestre.

Arte rupestre consiste em manifestações gráficas realizadas em abrigos, grutas, paredões, blocos e lajes feitas através da técnica de pintura e gravura. As gravuras podem ser elaboradas através de picoteamento ou incisão; já as pinturas foram realizadas por meio de diversas técnicas: algumas, com a fricção de um bloco de pigmento seco e duro na pedra; outras, com o uso de um pincel feito de galhos de árvore; em outros casos, a pintura foi feita com o próprio dedo ou o pigmento foi transformado em pó e soprado na rocha (GASPAR, 2003, p. 15).

Da mesma forma, Aguiar (2012) denomina arte rupestre as pinturas e gravuras feitas sobre paredões rochosos pelo homem pré-histórico. E ainda acrescenta que esta arte se subdivide em dois grupos, conforme a tecnologia adotada, sendo as pinturas chamadas de pictoglifos e as gravuras denominadas petroglifos.

Remontam ao período Paleolítico os registros ancestrais de pinturas feitos em cavernas, a partir do desenvolvimento da utilização de ferramentas pelo ser humano e, com elas, o uso do carvão, pedras e sangue de animais para realizar as referidas inscrições. Tais representações apontam para situações cotidianas do homem pré-histórico, assim como suas aspirações relativas à caça e outras manifestações de sua vida coletiva, desde os agrupamentos direcionados às situações religiosas e ritualísticas como até mesmo a vida sexual. (AGUIAR, 2012).

Assim, pode se afirmar que a pintura rupestre surgiu após o ser humano dominar instrumentos rudimentares, que ampliavam sua capacidade corporal para cortar, entalhar e expressavam necessidades humanas comuns. Filho (1989, p. 42) salienta que a arte rupestre evoluiu em símbolos e técnicas a medida que o homem também passava por seu processo de evolução:

O homem aplicava as tintas com as mãos, espátulas, bastonetes ou pincéis rudimentares, quando não empregavam a técnica de pistolar, isto é, enchiam a boca de tinta e sopravam por um canudo de madeira ou osso. Numerosas silhuetas de mãos encontradas nas cavernas, possivelmente símbolos de posse, foram feitos com esse processo. As tintas eram conseguidas com materiais minerais, argilas coloridas, triturando-as e dissolvendo-as em água, gordura de animal e vegetal e excrementos de aves. A cor negra era obtida queimando ossos de animais.

Conforme argumenta o autor, é possível perceber um refinamento e uma intencionalidade na produção das imagens, considerando que os entalhes dos esboços eram produzidos em rochas maciças, ou então finas linhas de tinta eram aplicadas através do sopro, na parede com caniço oco. Na produção de tinta colorida, eram utilizados o ocre, que gerava um pigmento que poderia variar entre amarelo, marrom e vermelho, e o carvão vegetal produzia a cor preta. Essencialmente, as tintas eram depositadas manualmente nas paredes.



Figura 1: Animais pintadas em tempos pré-históricos na caverna de Lascaux, França.
Fonte: www.epochtimes.com.br Acesso em 08/11/2017.

Da mesma forma que a simbologia e as técnicas evoluíram, com a evolução das caçadas, através de instrumentos, assim como do abatimento de animais maiores, as representações mentais do homem pré-histórico também se desenvolveram no sentido de projetar nas pinturas que realizava no interior das cavernas, a intenção da caçada, como se pudesse, de forma mágica, esperar pelo resultado que havia elaborado no desenho. Assim, Aguiar (2012, p. 3) afirma que:

“Os símbolos rupestres poderiam ser uma espécie de magia simpática – onde o caçador primeiro captura a essência do animal cobiçado por meio de sua representação nas paredes de pedra, o que traria êxito na caçada”.

Sobre a transcendentalidade do poder da imagem nas pinturas rupestres, Gombrich (1999, p. 42) aponta que:

Aos poucos, porém, os rudimentares apetrechos de osso e de ferro encontrados nessas regiões tornaram cada vez mais certos que essas imagens de bisões, mamutes ou renas tinham sido gravadas ou pintadas por homens que caçavam estes animais e, portanto, os conheciam bem. Assim, a explicação mais provável para essas pinturas rupestres ainda é a de que se trata das mais antigas relíquias da crença universal no poder produzido pelas imagens: dito em outras palavras, parece que estes caçadores primitivos imaginavam que, se fizessem uma imagem de sua presa – e até a espicaçassem com lanças e machados de pedra – os animais verdadeiros também sucumbiriam ao seu poder.

Esta ideia é sustentada por Filho (1989) quando esclarece que as produções do homem pré-histórico eram figurativas, isto é, mimetizavam as imagens mediante o que viam em seu dia a dia, especialmente as presas, em uma perspectiva de frontalidade, desenhando os animais em seu perfil. Assim, uma das pinturas rupestres tinham como principal característica o seu realismo, o que sugere que eram concebidas para serem uma ajuda visual, um manual de caça que pudesse recriar as dificuldades da caçada e aperfeiçoar o conhecimento do caçador, mesmo os que ainda eram inexperientes.

Percebe-se, assim, que a representação rupestre, enquanto arte pré-histórica, possui uma imensa significação cultural para a sociedade contemporânea, considerando que tais registros permitem conhecer a forma de viver dos primeiros agrupamentos humanos. No que se refere ao contexto brasileiro desta arte, inicialmente, se faz necessário compreender a datação da chegada do homem ao continente americano, estimado em aproximadamente 12 mil anos atrás.

Admite-se que os índios brasileiros chegados ao nordeste são os descendentes de levas arcaicas, que atravessaram o estreito de Bering alguns milhares de anos antes. Mesmo que, periodicamente, levante-se a conjectura da existência de outras vias de acesso, que poderiam ter dado lugar à chegada à América de por percolação, sejam considerados contemporâneos das datações obtidas dos carvões das fogueiras e associados erradamente a elas. A partir de ossos, pelo contrário, qualquer datação obtida é inquestionável e independentemente do seu universo cultural, é possível situar um indivíduo no seu tempo. (MARTIN, 2008, p. 66).

Segundo Fontenele (2013), há indícios nos sítios de Toca do Sitio do Meio e a Toca do Caldeirão dos Rodrigues acerca da atividade humana desde 12 mil anos atrás. Os carvões encontrados em fogões descobertos nestes sítios apontam que os grupos que ali habitavam aplicavam pigmentos sobre as paredes das cavernas que lhes abrigavam. Um bloco encontrado ao lado de um fogão com data de 17 mil anos evidencia duas retas de pinturas vermelhas, sendo esta a primeira manifestação segura da arte rupestre no local.

Martin (2008) informa que, acerca de outras localidades brasileiras, pesquisas apontam existir outros grupamentos humanos, como o Homem de Lagoa Santa e o Homem do Sambaqui, bastante completos.

Os brejos são lugares importantíssimos para o conhecimento da pré-história brasileira porque são lugares de atração e concentração de grupos humanos, onde as estratégias de sobrevivência do homem pré-histórico puderam se desenvolver. Neles ainda encontramos grupos indígenas remanescentes como os Pankararu de Pernambuco, aldeados no Brejo dos Padres, em Tacaratu, (PE), pelos missionários de São Felipe Neri. Também em Pernambuco, foi descoberta importante necrópole pré-histórica e foi também em regiões de brejo, no Rio Grande do Norte, onde foram achados numerosos sítios pré-históricos de caçadores, com pinturas e gravuras rupestres. (MARTIN, 2008, p. 51)

O autor ressalta a riqueza da ilustração de tais achados, considerando que, além do contexto biológico, as imagens esclarecem abundantes informações sobre hierarquia, adornos e ritos fúnebres, resto de alimentos procedentes de banquetes fúnebres ou oferendas, que são informações valiosas para a complementação do estudo da antropologia física dos primitivos habitantes do Brasil.



Figura 2: Nicho Policrômico – Toca do Boqueirão da Pedra Furada – Serra da Capivara – PI.

Fonte: www.portalsaofrancisco.com.br Acesso em 08/11/2017.

Fontenele (2013) prossegue apontando que no sítio arqueológico de São Raimundo Nonato os sítios representativos de ocupações mais recentes do que 12 mil anos são muitos, especialmente os que se enquadram em uma datação de 12 mil – 7 mil, evidenciando a adaptação das populações que chegaram à região, ali se estabeleceram e adaptaram sua economia e vida social ao contexto ambiental local e exploraram os ecossistemas, desenvolvendo um modo de viver em equilíbrio e prosperidade. Pereira (2011) também destaca o Parque Nacional Serra da Capivara como a maior concentração de sítios arqueológicos e o maior acervo de rupestres do continente americano.



Figura 3: Serra da Capivara: “capivara” e sua cria, com destaque para o seu ventre.

Fonte: www.terraadentro.com.br< Acesso em 08/11/2017.

Fontenele (2013) indica que a área arqueológica de São Raimundo Nonato do Piauí é uma região que possui muitos sítios arqueológicos, evidenciando que muitos anteriormente à chegada dos portugueses no Brasil, já eram habitados, de modo que o local é patrimônio¹ da UNESCO, pois é um dos mais importantes patrimônios histórico-culturais do país.

Acerca da riqueza da arte rupestre brasileira, é possível identificar grande variedade de sítios arqueológicos, com especificidade no Nordeste, que trazem representações imagéticas do cotidiano e da forma de viver das primeiras comunidades humanas que viviam no país há milênios.

O apogeu das obras rupestres da tradição Nordeste ocorre por volta de 10 mil anos atrás, coincidindo com o mais alto grau de qualidade técnica da indústria de pedra lascada na região. A evolução do primeiro período se manifesta em uma diversificada temática e em uma complexidade dos agenciamentos na representação das ações, segue-se um período no qual, junto aos componentes essenciais da ação, aparecem outros de caráter secundário no plano de compreensão de atividades. Assim, no primeiro período, “as representações de atividades de caça comportam figuras de caçadores e animais, e as representações sexuais tem dois parceiros” (VIDAL, 1992, p. 24).

¹ “O **patrimônio cultural** brasileiro, amparado no artigo 216 da Constituição de 1988, é constituído pelos “bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referências à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (MORAES apud GOMES, 2016, p. 85, grifo nosso).

De acordo com Vidal, mediante estas pinturas rupestres podem-se identificar variados traços do cotidiano e do modo de viver destes grupos humanos que viviam no local, podendo-se concluir que viviam cercados por animais e plantas e que possuíam crenças religiosas, deduzindo-se da realização de cerimônias e rituais fúnebres.

Com base na exposição acima sobre o valor da arte rupestre enquanto arte histórica, vale ressaltar a partir de agora seu valor enquanto arte visual. Assim, é mister enfatizar que o conhecimento e o estudo da arte rupestre podem colaborar para a compreensão global do mundo em que se vive, bem como interpretar as representações que surgem com o seu humano desde seu surgimento na Terra.

Essa interpretação é importante para que o aluno possa estabelecer relações entre a arte visual e a forma que se concebe o mundo, a convivência entre os seres humanos e a natureza, modificando-a e transformando-a de forma a adaptá-la à sua sobrevivência, assim como na busca de interpretações cosmológicas e transcendentais.

A vida do homem neste planeta é pautada pela exuberância de construções materiais e de significados que se dá aos eventos cotidianos. Os distintos modos de organização social, o simbolismo religioso e as manifestações de ideologias se disseminam por toda a Terra, dotados, em cada tempo e espaço, de uma lógica característica. Tais manifestações podem se materializar e se perpetuar através dos tempos, e as pinturas e gravuras, como a arte rupestre, são uma forma dessa materialização.

Por isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998) recomendam que a escola crie situações de aprendizagem onde os alunos possam desenvolver o hábito de olhar, através do exercício da apreciação do cotidiano em um contexto de educação estética, a fim de que estejam de posse de ferramentas da linguagem da arte no momento em que se deparem com uma produção como a arte rupestre.

Pereira (2011, p. 28) defende que arte rupestre possui imenso valor artístico, devendo ser considerada como elemento essencial para a leitura do mundo primitivo:

[...] pinturas e gravuras rupestres foram realizadas em tempos diferentes, por numerosos autores, de diversas etnias, em ambientes distintos e com histórias particulares. Por essas atribuições, possuem múltiplos significados

no interior de uma mesma cultura, experimentações de significação motivadas pela diversidade e pela particularidade de cada grupo, observadas as maneiras pelas quais resolveram os problemas de suas sobrevivências.

Na perspectiva do autor, há que se considerar que enquanto arte visual, as pinturas rupestres exigem deixar as falas e as palavras para depois do encontro do olhar com a obra, preservando a intensidade do exercício efetivo desta comunicação. Depois de estabelecido o contato, mediante as questões elencadas pelos alunos e a partir delas, deve-se encadear atividades, leituras e pesquisas que visem responder ao que se mostrou como de interesse do grupo de alunos.

Dessa forma, os alunos podem construir o conhecimento em arte, ampliando sua percepção e crítica em relação ao mundo e possibilitando que se ampliem as referências a partir das quais constroem sua conceituação sobre as coisas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (BRASIL, 1998, p. 19) orientam que:

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor.

Essas múltiplas capacidades favorecem que o aluno construa uma rede de possibilidades criativas que podem auxiliá-lo em diversos campos de sua vida, inclusive no desempenho em outras áreas curriculares, à medida que se torna capaz de colocar-se de forma mais densa em relação aos modos de abordar o mundo. No caso da arte rupestre há grande proximidade entre os estudos de Artes e História.

Dessa forma, os alunos podem compreender que a imagem é uma ferramenta essencial para o conhecimento e para a ação: “(...) a cultura visual discute e trata a imagem não apenas pelo seu valor estético, mas, principalmente, buscando compreender o papel social da imagem na vida da cultura” (OLIVEIRA, 2007, p. 33). No processo de construção da imagem, há que se observar a realidade, imaginar formas de representá-la, para então elaborar os registros das formas imaginadas por meio de técnicas gráficas. Inicialmente prevalece a finalidade lúdica, porém, no decorrer, torna-se prática social, tendo por finalidade a manutenção de uma organização social.

Enquanto arte/cultura visual, as artes rupestres necessitam ser valorizadas no currículo de Artes e no processo de ensino. Busca-se, então, conhecer como o currículo e as Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental II (6º ao 9º anos) tratam esta temática.

2 A ARTE RUPESTRE NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Foi apenas a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9.394/96) que o ensino de Artes passou a ser considerado obrigatório na Educação Básica: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (LDBEN, Artigo 26, Parágrafo 2º).

Os PCN (BRASIL, 1998) explicam que só depois de muitas discussões e movimentos educacionais é que a atual legislação educacional brasileira passou a dar importância as Artes como componente curricular obrigatório da Educação Básica nacional. No Ensino Fundamental, as Artes foram inseridas como área de conhecimento e trabalho com as várias linguagens, visando à formação artística e estética dos alunos e abrangendo as diferentes linguagens artísticas, como as Artes Visuais, a Música, o Teatro e a Dança.

Quanto ao estudo de Artes nas instituições de ensino brasileiras há várias discussões voltadas à grande importância da formação artística para a aprendizagem de qualidade e o desenvolvimento dos discentes. Nesse sentido, os PCN (BRASIL, 1998, p. 20) alertam que as Artes são essenciais para a ampliação da percepção de mundo e ampliação dos saberes e condições de aprendizagem:

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que nossas experiências geram um movimento de transformação permanente, que é preciso reordenar referências a cada momento, ser flexível. Isso significa que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender.

Os PCN de Artes (BRASIL, 1998) por sua vez também recomendam o estudo das Artes, uma vez que a arte pode mudar o modo de vida das pessoas e a carência de contato com valores artísticos pode limitar as capacidades dos alunos:

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida (BRASIL, 1998, p. 19).

Nesse trabalho de conclusão de curso interessa discutir o valor das artes visuais para a formação do aluno, com foco na arte rupestre. Nessa linha, buscou-se

verificar nos anos finais do Ensino Fundamental as formas de tratamento pedagógico dadas ao conteúdo arte rupestre, pois se considera ser uma temática importante para que o aluno possa construir e desenvolver as habilidades de apreciação artística, a apropriação da cultura e um olhar crítico sobre o mundo que o cerca.

Dessa forma, foram analisados as Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental – Caderno 1 Artes, da série Cadernos de Orientação Curricular, produzidos pela Secretaria de Estado de Educação e Esportes do Acre (SEE/AC) e a coleção Projeto Mosaico Artes – 6º ao 9º ano, elaborada por Beá Meira, Sílvia Soter, Ricardo Elia e Rafael Presto, publicada pela Editora Scipione, em 2015, e disponibilizada para as escolas através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

O ensino de Artes, no Brasil, baseia-se na proposta de Ana Mae Barbosa (1941) da Abordagem Triangular. A proposição, que orienta muitas ações educativas em Arte na atualidade, sugere três eixos de trabalho para o educador: apreciar, contextualizar e fazer. A Abordagem Triangular foi adotada nos PCN (BRASIL, 1998), que estipulam a necessidade do ensino de quatro linguagens na disciplina de Artes: artes visuais, música, dança e teatro.

As Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental II para o ensino de Artes seguem a proposta da Abordagem Triangular prevista nos PCN e preveem o trabalho com as quatro linguagens. O currículo para cada ano do Ensino Fundamental II está estruturado em quatro eixos/linguagens, onde se distribuem objetivos, conteúdos (em suas diferentes tipologias), propostas de atividades e formas de avaliação.

Considerando que o foco dessa pesquisa é o ensino da arte rupestre enquanto arte visual, na análise da Orientação Curricular de Artes restringiu-se o estudo para a linguagem das artes visuais, buscando-se verificar a abordagem pedagógica voltada ao conteúdo arte rupestre.

No 6º ano, a proposta curricular (ACRE, 2010, p. 34), nas artes visuais, propõe que o aluno seja capaz ao término do ano letivo de:

- Expressar-se nas modalidades da linguagem visual do desenho, experimentando e pesquisando suas possibilidades.

- Desenvolver a autoconfiança com a própria produção plástica, relacionando com a dos colegas e de artistas da comunidade, valorizando e respeitando a diversidade artística das várias etnias da cultura brasileira e de outras culturas.
- Apreciar e ler imagens de diferentes culturas e épocas, da arte popular, folclórica, indígena ou erudita, local, brasileira ou internacional, e compará-las com a produção visual dos alunos na escola, compreendendo o contexto histórico e cultural de produção, através de reproduções ou visitas a museus, centros culturais ou comunitários, galerias, feiras e eventos populares ou indígenas.
- Conhecer e identificar as profissões e os profissionais de artes plásticas e comunicação visual, suas organizações de produção e de agremiação e sua forma de atuação na sociedade.

Para o 7º ano, a proposta curricular (ACRE, 2010, p. 34), nas artes visuais, propõe que o aluno seja capaz ao término do ano letivo de:

- Expressar-se nas modalidades da linguagem visual da gravura e da monotipia, experimentando e pesquisando suas possibilidades.
- Desenvolver a autoconfiança com a própria produção plástica, relacionando com a dos colegas e de artistas da comunidade, valorizando e respeitando a diversidade artística das várias etnias da cultura brasileira e de outras culturas.
- Apreciar e ler imagens de diferentes culturas e épocas, da arte popular, folclórica, indígena ou erudita, local, brasileira ou internacional, e compará-las com a produção visual dos alunos na escola, compreendendo o contexto histórico e cultural de produção, através de reproduções ou visitas a museus, centros culturais ou comunitários, galerias, feiras e eventos populares ou indígenas.
- Conhecer e identificar as profissões e os profissionais de artes plásticas e comunicação visual, suas organizações de produção e de agremiação e sua forma de atuação na sociedade.

Até o final do 8º ano, a proposta curricular (ACRE, 2010, p. 34), nas artes visuais, propõe que o aluno seja capaz de:

- Expressar-se nas modalidades da linguagem visual da pintura, experimentando e pesquisando suas possibilidades.
- Desenvolver a autoconfiança com a própria produção plástica, relacionando com a dos colegas e de artistas da comunidade, valorizando e respeitando a diversidade artística das várias etnias da cultura brasileira e de outras culturas.

- Apreciar e ler imagens de diferentes culturas e épocas, da arte popular, folclórica, africana, indígena ou erudita, local, brasileira ou internacional, e compará-las com a produção visual dos alunos na escola, compreendendo o contexto histórico e cultural de produção, através de reproduções ou visitas a museus, centros culturais ou comunitários, galerias, feiras e eventos populares ou indígenas.
- Conhecer e identificar as profissões e os profissionais de artes plásticas e comunicação visual, suas organizações de produção e de agremiação e sua forma de atuação na sociedade.

Já até o final do 9º ano, a proposta curricular (ACRE, 2010, p. 35), nas artes visuais, propõe que o aluno seja capaz ao término do ano letivo de:

- Expressar-se nas modalidades da linguagem visual tridimensional (como tecelagem, cerâmica, escultura, protótipos, maquete e instalação), experimentando e pesquisando suas possibilidades.
- Desenvolver a autoconfiança com a própria produção plástica, relacionando com a dos colegas e de artistas da comunidade, valorizando e respeitando a diversidade artística das várias etnias da cultura brasileira e de outras culturas.
- Apreciar e ler imagens de diferentes culturas e épocas, da arte popular, folclórica, africana, indígena ou erudita, local, brasileira ou internacional, e compará-las com a produção visual dos alunos na escola, compreendendo o contexto histórico e cultural de produção, através de reproduções ou visitas a museus, centros culturais ou comunitários, galerias, feiras e eventos populares ou indígenas.
- Conhecer e identificar as profissões e os profissionais de artes plásticas e comunicação visual, suas organizações de produção e de agremiação e sua forma de atuação na sociedade.

Cabe observar que os objetivos contemplam a expressão e produção dos alunos na linguagem visual, a apreciação, a leitura de imagens e o respeito às diferentes formas de expressão e comunicação de cada cultura. No entanto, ao se analisar os conteúdos e propostas de atividades foi possível constatar que não há qualquer referência ao trabalho com a arte rupestre como indicativo explícito do currículo de Artes para quaisquer das séries/anos do Ensino Fundamental II.

O que ocorre é que as Orientações Curriculares de Artes oferecem caminhos para a abordagem das artes visuais através de diferentes formas de representação e

fazeres, mas deixa a cargo do professor, mediador do processo de ensino e de aprendizagem, determinar os conteúdos mais específicos e criar as situações de aprendizagem mais adequadas para o desenvolvimento das habilidades visuais.

Em quaisquer dos anos, os conteúdos estão descritos em procedimentos, não havendo a exposição explícita de uma lista de conteúdos conceituais, como tradicionalmente ocorria nos currículos anteriores, ficando a cargo dos professores determinarem os conceitos que considerarem mais adequados para a formação artística do aluno.

É nesse ponto que pode se propor a introdução do conteúdo arte rupestre. Uma vez que o professor tenha conhecimento da importância da arte rupestre enquanto arte visual e elemento facilitador da aprendizagem das habilidades de apreciação, fazer artístico e conhecimento do mundo e das culturas pode trabalhar essa temática, especialmente, em turmas de 6º e 8º anos. Nesses anos, as Orientações Curriculares de Artes (ACRE, 2010) sugerem o trabalho com a linguagem visual do desenho e da pintura, momentos favoráveis para a exploração do valor da arte rupestre enquanto linguagem visual.

Além disso, é interessante observar que, em todos os anos/series, a proposta curricular sugere como objetivo que o aluno seja capaz de apreciar e ler imagens de diferentes culturas e épocas, da arte popular, folclórica, africana, indígena ou erudita, local, brasileira ou internacional, e compará-las com a produção visual dos alunos na escola, compreendendo o contexto histórico e cultural de produção, através de reproduções ou visitas a museus, centros culturais ou comunitários, galerias, feiras e eventos populares ou indígenas.

Esse objetivo sugere que o aluno desenvolva habilidades de leitura de imagem e seja capaz de compreendê-las em seu contexto histórico e cultural. Novamente, tem-se a possibilidade de se inserir no plano anual da escola o conteúdo de arte rupestre, pois o mesmo contempla uma linguagem visual privilegiada para o resgate dos conceitos históricos e culturais, além da reconstrução do modo de vida do homem primitivo e da reflexão sobre sua compreensão do mundo e de si próprio.

O livro didático de Artes utilizado nas escolas de Ensino Fundamental II é a coleção Projeto Mosaico Arte, de Beá Meira, Silvia Soter, Ricardo Elia e Rafael Presto, composta de quatro volumes para 6º ao 9º ano. Na coleção, os saberes estão conectados em quatro grandes temas transdisciplinares: a identidade, no

volume Corpo (6º ano), que privilegia a linguagem da dança; a cidadania, no volume Cidade (7º ano), que privilegia a linguagem das artes visuais e audiovisuais; o meio ambiente, no volume Planeta, que privilegia a linguagem da música; e a diversidade cultural, no volume Ancestralidade (9º ano), que privilegia a linguagem do teatro.



Figura 4: Projeto Mosaico – Ensino Fundamental – Anos Finais – Arte

Fonte: <http://arteemaraucaria.blogspot.com.br/2016/05/programa-nacional-do-livro-didatico.html>

A coleção contempla os conteúdos específicos de artes visuais, ocupando os primeiros capítulos de cada volume, com um trabalho realizado em três eixos temáticos: representação visual, arte visual na sociedade e artes visuais e os temas transversais. Há uma preocupação em explorar o desenho, que é a forma mais direta na elaboração do pensamento visual, a base da linguagem visual, não só por suas qualidades estéticas, mas por tornar os alunos aptos a raciocinar usando elementos gráficos. Além do desenho, a coleção propõe o trabalho com a pintura, a colagem, a fotografia, cinema e objetos tridimensionais, especialmente no volume do 7º ano que privilegia as artes visuais e audiovisuais.

A análise dos quatro volumes da coleção permitiu observar que, nos volumes do 6º, 7º e 8º anos, não há qualquer referência nas atividades sugeridas ao tratamento do conteúdo arte rupestre, ficando a cargo do professor, novamente, a elaboração de situações de aprendizagem ou atividades complementares onde esse conteúdo poderia ser abordado, uma vez que o mesmo atende a proposta do livro de trabalhar a pintura e o desenho e ao que determina as Orientações Curriculares de Arte (ACRE, 2010).

Já no volume do 9º ano há por duas vezes menção a arte rupestre. Tal temática aparece voltada para arte como elemento de conexão da humanidade com o seu passado e suas tradições. A abordagem visa mostrar a arte conectada com a cultura de cada povo, capaz de estabelecer uma comunicação entre aqueles que viveram no passado e os que vivem no presente, fato que garantiria aos grupos sociais a preservação de seus saberes.

Com foco na ancestralidade e diversidade cultural, a atividade da página 12 do volume do 9º ano apresenta a arte rupestre em conjunto com outras imagens que contam história, como parte do patrimônio cultural. Aqui não se avalia ou discute as características, qualidades ou especificidades da arte rupestre enquanto manifestação artística, mas seu valor como patrimônio da humanidade e importância para que o homem construa sua identidade enquanto ser social. Ou seja, é vista mais em seus aspectos histórico e sociológico, que em seus aspectos artístico e visual.

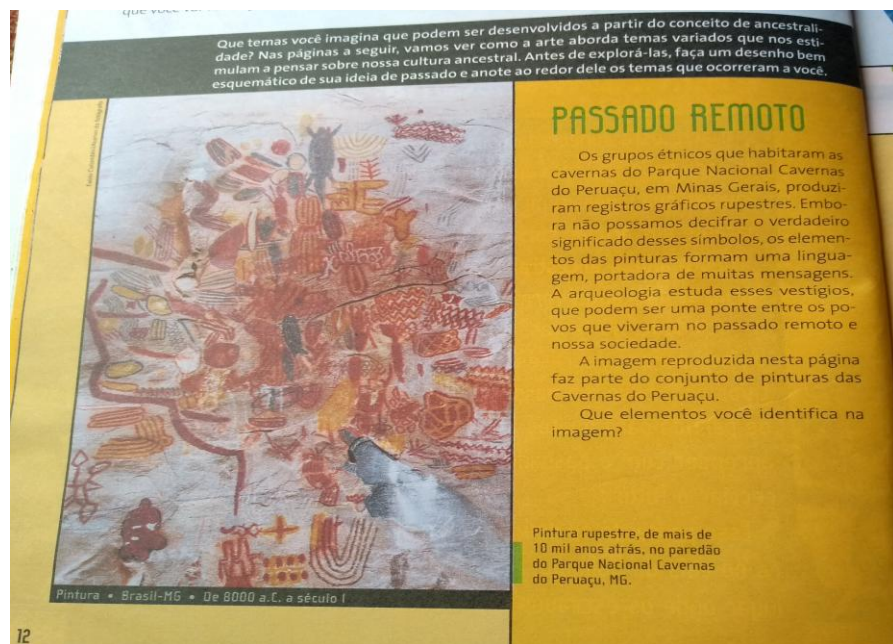


Figura 5: Fragmento do livro (Imagem de São Francisco)

Fonte: Projeto Mosaico 9º ano (MEIRA *et alli*, 2015, p.12)

Já na página 42 do volume do 9º ano é possível encontrar uma segunda referência à pintura rupestre. Apresenta a arte rupestre em conjunto com imagens de monumentos, edifícios, danças, músicas e práticas que compõem o patrimônio cultural da humanidade. Novamente, seguindo o tema central da ancestralidade e

diversidade cultural, não se avalia ou discute as características, qualidades ou especificidades da arte rupestre enquanto manifestação artística, mas seu valor como patrimônio da humanidade e importância para que o homem construa sua identidade enquanto ser social. Ou seja, prevalecem os aspectos histórico e sociológico sobre os aspectos artístico e visual.



Figura 6: Fragmento do livro (Imagem da Tradição Agrest)

Fonte: Projeto Mosaico 9º ano (MEIRA *et alli*, 2015, p.42)

Fica óbvio a partir da análise da proposta curricular de Artes e do livro didático que há uma preocupação com o aspecto do trato interdisciplinar dos conteúdos, favorecendo uma compreensão mais global do que deve ser ensinado. Em todo caso, a abordagem interdisciplinar, a definição de conteúdos mais específicos, conceitos e estratégias de ensino ficam sob responsabilidade da escola e do

professor, quando da elaboração do plano anual (Plano de Curso) e das sequências didáticas ou planos de aula.

Dessa forma, evidencia-se que o ensino do conteúdo arte rupestre, apesar de sua relevância para a formação artística e cultural do aluno, está limitado ao reconhecimento por parte dos professores de sua importância. O planejamento de situações de aprendizagem para apreciação, análise histórica, artística ou cultural e atividades práticas de fazer, reproduzir ou construir referentes à arte rupestre está condicionado ao interesse do professor em abordar essa temática, o que passa pela segurança do docente em tratar as questões sociais, culturais e histórias que permitem contextualizar esse trabalho.

Conclui-se, então, que não se pode dizer que há uma negligência quanto ao tratamento da arte rupestre no currículo, embora, ainda que de forma restrita, a temática apareça no livro didático dos anos finais do Ensino Fundamental II. O que há é a uma abordagem ampla das linguagens visuais que dá margem para o professor, mediador do processo de ensino e aprendizagem, construir uma proposta de trabalho com conceitos e conteúdos que considere mais viáveis para a formação artística e humana dos alunos. Se se vai ou não levar para a sala de aula as produções dos homens primitivos depende de sua compreensão do valor da arte rupestre para aqueles homens e para a compreensão da história e da cultura da humanidade.

CONCLUSÃO

Considera-se hoje absolutamente importante o contato de crianças e jovens com as diferentes linguagens da arte. Atividades de ensino envolvendo as artes visuais, a música, o teatro e a dança favorecem o processo de construção do conhecimento pelos alunos, além de proporcionar o desenvolvimento da inteligência e do raciocínio.

Segundo Barbosa (2010), além do desenvolvimento cognitivo, as artes também contribuem para o amadurecimento afetivo e emocional. Estimulam o desenvolvimento da inteligência racional e do trabalho coletivo, pois grande parte da produção artística é feita em equipe. Isso desenvolve o trabalho em grupo e a criatividade. É o que corroboram Freires, Tananta e Holanda (2016, p. 558):

Arte nada mais é que a vida expressando-se. Se observada em paralelo com o ato da criação verificamos a expressão plena da condição humana. Esta como conhecimento promove o desenvolvimento pleno do sujeito, uma vez que este compreende as várias facetas de expressão do pensamento/ideias e das emoções. O ato de criar permite que o sujeito se torne mais seguro e tome, cada vez mais, consciência de suas capacidades e limites. Seu papel na Educação faz-se no sentido de promover um cidadão consciente, crítico e ativo socialmente podendo compreender e interferir em sua realidade. A Arte é, portanto, uma grande protagonista das vicissitudes sociais. [...] Arte é uma linguagem universal, que permite ao homem acessar e expressar com autenticidade e agudez o sentido das coisas.

As artes visuais, por sua vez, colaboram para desenvolver a capacidade de percepção visual. Barbosa (2010) explica que há três processos fundamentais para a aprendizagem da arte: primeiro, o fazer; segundo, a leitura da imagem; e terceiro, contextualizar. Fazer arte implica em crescimento perceptivo e inventivo. Ler imagens que nos cercam é um exercício de decodificação, de encontrar o contexto em que essas imagens estão inseridas. Esse processo é a porta aberta para a interdisciplinaridade, para a promoção do diálogo com outras disciplinas, em especial a história, que favorece a relação entre o que se vê e as diferentes culturas:

A representação simbólica é resultante do processo de comunicação, é o modo como se articula a linguagem. Para tanto os sujeitos são portadores e inventores de símbolos pelos quais buscam representar o mundo sejam o do visível ou do imaginado. É por meio destes que os seres humanos processam a comunicação. A arte, desde seus primeiros registros, sempre buscou contribuir para a integração da sociedade. Isto é visível ao percorrer o tempo sob a ótica da história da Arte. Esta interação social que o homem

buscou e continua buscando através dos fazeres artístico desencadeou uma série de distintas formas de fazer/apresentar/representar a Arte. Isto significa dizer, que os humanos, sempre buscaram e buscam uma espécie de união entre si por intermédio da Arte. É neste íterim que se dá o encontro entre Arte e cultura. A mensagem oriunda da obra de Arte pode ser expressa de modo direto ou indireto, isto é, pode ser objetiva ou subjetiva. A obra visual pode, sempre, informar o espectador de algo, lhe passar de acordo com seus códigos uma mensagem (FREIRES; TANANTA; HOLANDA, 2016, p. 559).

Desenvolver práticas artísticas leva os alunos a expressar suas emoções, seu olhar sobre o mundo, a se colocarem ali. Freires, Tananta e Holanda (2016) afirma que, por meio da prática, uma série de elementos cognitivos é ativada, promovendo o desenvolvimento das noções de espaço, tempo, quantidade, coerência, argumento e a competência em se comunicar.

Quanto ao papel do professor de Artes, é importante que conheça os alunos e os meios que eles utilizam para se expressarem, de modo que as situações de aprendizagem sugeridas levem os alunos a compreenderem que a prática artística, apesar de trabalhosa, pode também ser extremamente prazerosa, podendo vir a tornar-se algo autêntico e singular. Assim, além de permitir que os alunos tenham subsídios para compreender obras artísticas, a Arte também gera a autoconfiança, o aumento significativo do repertório cultural e da expressão de sua sociabilidade.

Diante do conteúdo abordado nesta pesquisa foi possível refletir sobre a importância da arte rupestre para a formação artística de alunos do Ensino Fundamental II, mostrando a necessidade de se valorizar essa temática no currículo escolar e reconhecer as diferentes possibilidades de trabalho a partir da abordagem da produção artística dos homens primitivos por meio do ensino das artes visuais.

Nesta pesquisa foi apresentada uma análise das Orientações Curriculares de Artes (ACRE, 2010) e do livro didático adotado pelas escolas de Ensino Fundamental II no município de Cruzeiro do Sul, destacando as formas de tratamento aplicadas ao conteúdo arte rupestre, sendo possível observar a distribuição das diferentes linguagens da Arte na proposta curricular e as abordagens sugeridas para cada linguagem, embora tenha sido dada atenção maior as artes visuais.

Constatou-se que o material analisado não aponta nenhum tipo de atividade específica com conceitos relacionados à arte rupestre, havendo apenas indicativos de temáticas de artes visuais que permitem a elaboração de situações de aprendizagem envolvendo a arte rupestre. Mesmo considerando os argumentos de

Barbosa (2010) de que a Arte exerce uma importante função no desenvolvimento cultural dos alunos, no que se refere à arte rupestre a abordagem dessa temática fica restrita à importância que o professor atribua ao conteúdo.

Esta pesquisa mostrou que os alunos convivem com diversas manifestações artísticas visuais que podem ser trabalhadas no ensino de artes visuais, permitindo a realização de trabalhos utilizando a matéria-prima como o barro, madeira e pigmentos naturais, assim como conhecer a grafia artística, os desenhos, para construírem ou reproduzirem cenas semelhantes as da arte rupestre.

Foi discutido que a experiência dos educandos com a arte rupestre e a arte visual em geral pode levá-los a apreciar a arte dos homens primitivos, observando suas manifestações e semelhança com a arte que presenciam no cotidiano. Também foi argumentado que a arte rupestre pode oferecer maiores condições de conhecimento das produções culturais das diversas sociedades humanas.

Dentro deste contexto, foi exposta nesta pesquisa a importância de promover o estudo da arte da rupestre e a valorização das artes visuais para a formação artística dos alunos, destacando que o professor exerce um papel de mediador da cultura, proporcionando o diálogo com as produções das populações passadas e com outras culturas, permitindo que se expressem de maneira própria ao interpretar o mundo e a si mesmos. Esta pesquisa também procurou mostrar que a interdisciplinaridade pode ser uma forma para se trabalhar os conteúdos de Artes, em especial as artes visuais.

Conclui-se, então, que a partir das considerações levantadas aqui é possível promover discussões que despertem a escola e os professores para a importância de valorizar as contribuições da arte rupestre e das artes visuais na formação do aluno e que, de alguma forma, possa despertar a motivação e o interesse de inseri-la no currículo de Artes das escolas deste município.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRE. Secretaria de Estado de Educação e Esporte. **Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental**. Série Cadernos de Orientação Curricular. CADERNO 1 – Arte. Rio Branco, 2010.

AGUIAR, R. L. S. **Arte Rupestre**: conceitos introdutórios. 2012. Disponível em: www.scribd.com/rodrigo_simas_aguiar. Acesso em 10 de outubro de 2017.

BARBOSA, A. M. (Org.). **Arte/Educação contemporânea**. São Paulo: Cortez, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Edições 70 – Brasil, 2011.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros curriculares Nacionais de Artes**. Ensino Fundamental de 5ª a 8ª 1998. Brasília MEC/SEF

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília/ DF: MEC, SEF, 1998.

FILHO, B. D. **Pequena História da Arte**. Campinas SP, Papyrus, 1989.

FONTENELE, M. A. **Arte primitiva: a pré-história no ensino fundamental II**. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasília: UAB/UnB, 2013.

FREIRES, O. P.; TANANTA, E. da C.; HOLANDA, P. C. M. **A importância do ensino das artes na educação: Um estudo de caso no 6º ano do ensino fundamental das escolas Maria de Lourdes Rodrigues Arruda, Joaquim Gonzaga Pinheiro e Fundação Bradesco na cidade de Manaus**. Anais do XXVI CONFAEB. Boa Vista, novembro de 2016.

GASPAR, M. **A Arte Rupestre no Brasil**. São Paulo: Editora Zahar, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, F. M. B. de. Empoderamento e preservação do Patrimônio Cultural: o caso do Projeto Piloto Olinda/PE. In: IPHAN. **Patrimônio e Políticas Públicas**: Anais da V Oficina de Pesquisa. Rio de Janeiro: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016.

GOMBRICH. E.H. **A História da Arte**. LTC. Rio de Janeiro, 1999.

LAKATOS, E.V.; MARCONI, M.A. **Metodologia do Trabalho Científico**: procedimentos Básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

MEIRA, B. (et al.). **Projeto Mosaico**: arte. Ensino Fundamental. 1ª ed. São Paulo: Editora Scipione, 2015.

MINAYO, C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, M. O. de (Org.). **Arte, Educação e Cultura**. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Ufsm, 2007.

PEREIRA, T. **Panorama da arte rupestre brasileira:** o debate interdisciplinar. Revista de História da Arte e Arqueologia. RHAA – UNICAMP, nº 16, jul-dez de 2011. p. 21-38.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica:** guia para eficiência dos estudos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

VIDAL, L. **Grafismos Indígenas.** Estudos de Antropologia Estética. São Paulo. Estúdio Nobel. Universidade de São Paulo, 1992.